

ADOLESCÊNCIA E MATERNIDADE: CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS PARA A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DE JOVENS-MÃES RESIDENTES EM UM MUNICÍPIO DE MÉDIO PORTE NO INTERIOR DE MINAS GERAIS

Renata França Silva¹

Vanina Costa Dias²

RESUMO

A presente pesquisa buscou entender as dificuldades psicossociais e emocionais da maternidade na adolescência. A adolescência já é marcada por um período de grandes transformações e preconceitos, sendo agravado ainda mais quando essas se encontram diante de uma gestação não planejada. A partir desse fenômeno, o principal objetivo desse estudo é apresentar as consequências psíquicas da maternidade na adolescência tendo como objeto jovens que engravidaram antes dos 18 anos, residentes em um município de médio porte localizado no interior de Minas Gerais. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, utilizando como recurso metodológico a entrevista semiestruturada. Concluiu-se que o apoio familiar é um dos principais fatores que possibilita à adolescente ultrapassar todos os problemas relacionados com a maternidade, como a insegurança, o medo, a ansiedade e o estresse.

Palavras-chave: Adolescência. Gravidez. Preconceito.

ABSTRACT

The present research sought to understand the psychosocial and emotional difficulties of motherhood in adolescence. Adolescence is already marked by a period of great changes and prejudices, and is even more aggravated when they are faced with an unplanned pregnancy. From this phenomenon, the main objective of this study is to present the psychic consequences of motherhood in adolescence, having as object young women who became pregnant before the 18 ears old, residents in a medium-sized municipality located within in Minas Gerais. It was a qualitative research, of descriptive nature, using as methodological resource the semi-structured interview. It was concluded that family support is one of the main factors that allows the adolescent to overcome all problems related to motherhood, such as insecurity, fear, anxiety and stress.

Keywords: Adolescence. Pregnancy. Preconception

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduanda de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida (FCV).

² Professora, Psicóloga, Doutora em Psicologia e Coordenadora do Curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida.

A adolescência é psicossociologicamente considerada como uma etapa em que o ser humano vive constantemente em conflitos e em situações de crise, devido principalmente às mudanças biológicas e psicológicas próprias da idade. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) este período compreende as idades entre 10 e 19 anos. Já para a Organização das Nações Unidas (ONU) a adolescência se dá entre os 15 e 24 anos. Esses critérios têm sido usados principalmente para fins estatísticos e políticos. No Brasil conforme as normas e políticas impostas pelo Ministério da Saúde, os limites são as idades de 10 a 24 anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, em seu artigo 2º conceitua o adolescente como o indivíduo com idade entre 12 a 18 anos, sendo este considerado pessoa em fase de desenvolvimento. Essas características fazem com que esse sujeito seja mais suscetível a mudanças bruscas e sejam menos resilientes em relação aos adultos, não conseguindo assim, superar facilmente traumas vividos nessa fase (BRASIL, 1990).

Esses traumas geralmente são provenientes de situações atípicas ao cotidiano dos adolescentes. Entre essas, podemos citar a gravidez como uma das circunstâncias que podem gerar consequências negativas em relação ao desenvolvimento da mãe-adolescente. Enquanto ser humano em formação e conseqüentemente para o futuro recém-nascido, a mãe transfere ao filho, de maneira consciente ou inconsciente, todas as emoções e sentimentos vivenciados (CUNHA., SANTOS, 2016).

A gestação precoce acarreta consequências psíquicas na gestante em decorrência do despreparo emocional, da imaturidade, das inseguranças e medos e de todas as mudanças que a adolescência e a gravidez trazem (TABORDA *et al.*, 2014). As transformações no corpo e na mente da adolescente influenciam suas emoções, sentimentos e incertezas quanto ao futuro e as responsabilidades que terá que assumir passando a exercer o papel de genitora e cuidadora de um novo ser totalmente frágil e dependente de cuidados (RIOS *et al.*, 2017).

Além de inúmeras mudanças, essas adolescentes devem ter maturidade para lidar com o novo e todos os desafios que a maternidade traz consigo, o que era esperado para a vida adulta, passa a ser cobrado precocemente tendo em vista as responsabilidades e as funções sociais e familiares enquanto pais e responsáveis de uma criança (RIOS *et al.*, 2017). A pouca idade e a inexperiência frente a essa situação, desperta o preconceito e a discriminação por parte da sociedade e de familiares, agravando a situação e as dificuldades da gravidez, uma vez que essas jovens não estão preparadas para acolher e aceitar algo que não é culturalmente esperado.

A adolescência é uma fase marcada por frustrações, mudanças e descobertas por parte dos jovens, e uma gravidez nessa fase gera também sentimentos como medos, incertezas, baixa autoestima e transtornos psíquicos. Além de todos os conflitos internos, o meio social julga e condena essas jovens através de preconceitos e reprovações que prejudicam e interferem nos relacionamentos sociais e familiares favorecendo o isolamento e a exclusão dessas adolescentes (FERREIRA; NELAS, 2015).

A gravidez constitui um momento na vida da mulher no qual se articulam significações sociais e individuais sendo necessário perceber as significações que ela tem para cada sujeito, o qual está marcado por um ambiente histórico e social determinado. Essa vivência é o resultado de um passado significativo e que provoca efeitos no futuro de cada uma de forma diferente, marcados por aspectos da história pessoal e de mitos socialmente estruturados.

Quando a gravidez se dá de forma antecipada e não planejada o acolhimento e a instrução dessas futuras mães são de extrema importância, a fim de amenizar as consequências psicológicas e preparar esses futuros genitores para possibilitar qualidade de vida e desenvolvimento saudável ao bebê, a fim de criar laços maternos e sociais, garantindo que os pais e a criança não tenham mais danos além dos causados pela gestação precoce (TABORDA *et al.*, 2014).

A gestação é, de forma semelhante à adolescência, um período em que a mulher fica psicologicamente mais sensível e sofre mudanças no seu corpo e quando essas duas fases ocorrem concomitantemente, pode existir uma sobrecarga de emoções. Existem as preocupações, mudanças físicas e atividades específicas da idade, tendo que lidar com desenvolvimento corporal, escolar e familiar e isso, somadas às mudanças que a gravidez também provocará em seu corpo e na sua rotina, acarreta uma sobrecarga de situações novas. Assim, a maioria das jovens que passam por isso não consegue vivenciar de forma intensa e com a maturidade necessária cada fase, da mesma forma que se fossem vividas em períodos diferentes da vida.

Sendo assim, este trabalho justifica-se, pois, percebendo os impactos psíquicos ligados as consequências existentes durante a maternidade na adolescência identificam-se aspectos negativos, como por exemplo, angústia, medos, frustrações e críticas negativas, tornando-se pertinente a intervenção da psicologia nesse tema. Compreender e analisar suas vivências diante desses impactos é uma maneira de auxiliar e orientar pessoas que passam por essa situação e se

encontram despreparadas para assumir o seu papel de maneira saudável e sem gerar resultados que refletirão em todas as etapas da vida da mãe e do filho.

Diante dos fatos apresentados partimos do seguinte questionamento: quais as consequências psíquicas da maternidade em jovens residentes em um município de médio porte no localizado no interior de Minas Gerais? A partir dessa questão, objetivou-se analisar a influência da gravidez na adolescência no comprometimento psíquico das jovens-mães, identificando a relação da gravidez com os preconceitos existentes, as dificuldades vivenciadas a partir da gravidez indesejada e indicando possibilidades de intervenção da Psicologia nesse campo.

Tomou-se como procedimento metodológico, uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, a realização de entrevistas semiestruturadas com quatro jovens-mães, que tiveram sua gestação na adolescência, residentes na cidade de médio porte do interior de Minas Gerais. Os relatos colhidos foram analisados utilizando-se da análise de conteúdo proposto por Bardin (2009) na qual o pesquisador busca compreender as características, que estão por trás das mensagens trazidas pelos sujeitos que serão levadas em consideração na pesquisa. O esforço do pesquisador é entender o sentido da comunicação desviando o seu olhar, buscando outra significação para a mensagem apresentada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ADOLESCÊNCIA: UM BREVE PERCURSO CONCEITUAL

A palavra adolescência é etiológicamente derivada da palavra de origem latina *adolescere*, que significa “crescer na maturidade” (FERREIRA e NELAS, 2006). O primeiro autor a descrever o período evolutivo da adolescência, foi o psicólogo Stanley Hall em 1904. Para ele as mudanças na personalidade do indivíduo eram consequência da maturação sexual que era alcançada à medida que o sujeito modificava seu comportamento, se transformando para alcançar essa maturidade (RIBEIRO, 2011).

A adolescência é marcada por muitas mudanças físicas, psíquicas e biológicas, além de inúmeras descobertas em relação ao seu corpo, seus desejos, suas preferências sexuais e sua personalidade, sendo assim, segundo Ferreira e Nelas (2006) as diversas transformações vividas durante esse período pode acarretar ao indivíduo prejuízos psíquicos que interfiram em toda sua vida, como por exemplo, depressão, ansiedade, entre outros transtornos.

A adolescência pode ser caracterizada como um complexo psicossocial cujas características estão ligadas à redefinição da imagem corporal, substituição de vínculos, de dependência dos pais e busca de uma autonomia própria, estabelecimento de uma escala de valores ou de um código de ética próprio, identificações grupais, aceitação dos ritos de iniciação grupal, assunção de funções ou papéis sexuais, a capacidade de assumir compromissos profissionais, dentre outros (BECKER, 2017).

Atualmente a adolescência pode ser entendida como uma etapa evolutiva do ser humano caracterizada como um processo de maturação biopsicossocial do indivíduo, etapa essa na qual ele vai se firmar enquanto indivíduo, com sonhos e desejos, construindo sua personalidade que ainda está em formação (FERREIRA; NELAS, 2006).

De acordo com Ribeiro (2011), a duração da adolescência pode estar relacionada as características do ambiente social e cultural no qual ele está inserido. Na teoria proposta por Erik Erikson, a formação da identidade é influenciada pelas várias experiências vivenciadas pelo adolescente, possibilitando o desenvolvimento com maior ou menor maturidade (FERREIRA; NELAS, 2006). Desta forma entende-se que na adolescência o indivíduo se reencontra consigo mesmo e se torna consciente das alterações que ocorrem no seu corpo e sua mente. Além disso, este reencontro gera episódios de confusão e reestruturação do sistema psíquico, resultado na crise de identidade (RIBEIRO, 2011)

Esse autor ainda afirma que a adolescência não deve ser percebida apenas como uma fase de transição conflituosa, mas como um período rico em transformações onde o adolescente rompe com suas ligações infantis, para vivenciar momentos de crescimento formando uma nova identidade.

Para Silva e Ferreira (2015), as alterações causadas pela maturação sexual em consequência do aumento de hormônios e mudanças corporais, produzem ansiedade e preocupação, já que o corpo se torna mais sexualizado, rumo à preparação reprodutiva. Essa

alteração faz com que o adolescente se distancie dos pais para se reencontrar, modificando a interpretação de si próprio e do outro.

Juntamente com a maturação sexual, a adolescência é marcada também pelo início da vivência da sexualidade. Esta é definida como uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade. Ela está ainda presente no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, se tornando uma fonte de comunicação, bem-estar e prazer inerente a todos os seres humanos e que mediatiza todo o nosso ser. Nesse sentido, influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental.

Na adolescência, período em que a vivência da sexualidade é potencializada pelos novos encontros com os pares, geralmente se estabelecem padrões de comportamento entre eles aqueles que pertencem ao campo da sexualidade. Nesse momento de grandes transformações biopsicossociais, se dá também a iniciação sexual, muitas vezes sem a orientação prévia de um adulto responsável, que possibilitaria ao adolescente fazer escolhas conscientes, considerando desejo, prazer e riscos.

O início da vida sexual do adolescente costuma ser um momento marcante, e é considerado por muitos um dos passos para se atingir a plenitude pessoal. Contudo, esse início de inserção no universo adulto também insere o adolescente no campo das vulnerabilidades e dentre essas está o risco de uma gestação não planejada.

2.1 AS TRANSFORMAÇÕES ADVINDAS DE UMA GRAVIDEZ PRECOCE

O período tido como adolescência é considerado por muitos autores uma das fases mais difíceis e complicadas do desenvolvimento humano, pois é marcado por mudanças físicas, psíquicas e biológicas que determinam características de personalidade desse indivíduo na vida adulta, como já afirmado anteriormente. Por esse motivo, é necessário que a adolescência seja vivenciada de maneira plena e bem orientada, para que o adolescente identifique e construa suas bases de referência para a vida adulta, bem como compreender seus papéis na sociedade em que vive e no seu âmbito familiar e estabelecer seus vínculos e responsabilidades dentro do meio em que está inserido (NASCIMENTO *et al.*, 2014).

Uma gravidez na adolescência interrompe o desenvolvimento natural e força o indivíduo a pular para a fase adulta sem ter a maturidade necessária e sem experienciar tudo que é necessário para dar suporte a construção de uma fase adulta saudável, do ponto de vista psicológico, e sem a base essencial para formar sua personalidade, pautada em suas preferências e experiências visto que essas foram impedidas de serem usufruídas em sua totalidade (BONETTO, 2016).

Uma das mudanças nessa etapa de vida é o abandono da escolarização. Em pesquisa, feita em 2016 pelo Ministério da Educação, pela Organização dos Estados Ibero-americanos e pela Faculdade Latino Americana de Ciências (Flacso) os dados revelam que 18% das jovens brasileiras grávidas abandonam a escola. Essa realidade mostra a necessidade de criação de políticas educacionais voltadas para o acompanhamento dessa situação e ainda para conter a evasão escolar de adolescentes e jovens relacionada à gravidez indesejada (ABRAMOVAY, 2015).

Conceber uma nova vida exige maturidade para assumir as responsabilidades de cuidar e educar uma criança, de se responsabilizar por um ser totalmente dependente do outro, que necessita de zelo, vigilância e tomadas de decisões que influenciam em sua qualidade de vida e em seu desenvolvimento. Tornar-se pai ou mãe requer a compreensão de que os atos e vontades geram consequências também a um sujeito que vai além de você e que influencia diretamente em suas vidas (CUNHA; SANTOS, 2016).

As várias alterações da gravidez aliadas às mudanças próprias da adolescência tornam a situação ainda mais complicada, exigindo apoio familiar e social para que os futuros pais tenham condições psíquicas e emocionais de criarem a criança que nascerá (NASCIMENTO *et al.*, 2014). A gravidez durante a adolescência requer um olhar mais atento por parte dos familiares e do âmbito social em que essas adolescentes estão inseridas. Segundo Cunha e Santos (2016) esses indivíduos além de estarem passando por transformações naturais do desenvolvimento humano são submetidos a mudanças externas e internas que vão além das esperadas para a fase em que se encontram e não têm nenhum preparo emocional ou psicológico, pois não tiveram vivências suficientes para prepara-los e dar suporte para as responsabilidades exigidas pelo nascimento de uma criança.

Novas responsabilidades, novo papel social e familiar, novas funções, dúvidas, inseguranças e medos, mudanças físicas, psíquicas e biológicas, um novo olhar para si e para o

meio onde está inserido, são algumas das alterações vivenciadas pelos jovens que passam por uma gravidez precoce e é por isso que o apoio familiar se torna necessário e importante na manutenção e dinâmica psicossocial diante dessa nova condição (FRIZZO *et al.*, 2015).

2.2 PRECONCEITO E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Assim como em tantas outras situações, a gravidez precoce também é alvo de preconceitos, principalmente por se tratar de indivíduos muito jovens e que acabaram de sair da infância passando a se tornar responsáveis por outra criança totalmente dependente de cuidados e responsabilidades que esses adolescentes ainda não estão preparados para lidar e assumir (GUEDES, 2015).

Diversos fatores contribuem para a gestação precoce, entre eles a falta de estrutura familiar, falta de orientações e descuido por parte dos jovens são alguns dos diversos motivos da gravidez e do preconceito frente à essa situação nessa etapa da vida (BARBOSA *et al.*, 2015). Sobre isso, Nascimento *et al.* (2014) completam afirmando que o despreparo social e familiar para acolher as frustrações e as inúmeras mudanças decorrentes da adolescência e consequentemente da gravidez, gera uma gama de preconceitos referente ao futuro desses pais e do bebê, uma vez que a pouca idade e a imaturidade geram insegurança quanto à educação e cuidados com a criança.

Culturalmente a gestação é um acometimento da vida adulta que se dá após o casamento e com planejamento, sendo assim, qualquer gravidez que ocorra fora do tempo esperado socialmente é passiva de preconceitos e julgamentos. As mudanças impostas pela gravidez nesse período não se restringe apenas às variáveis psicológicas e fisiológicas, impactando também o futuro das jovens, levando em conta os riscos físicos, emocionais e sociais que fazem estão envolvidos nesse momento da vida da jovem mãe.

Tendo em vista a gravidez na adolescência, esse sujeito é ainda alvo de maior preconceito, visto a pouca idade e o despreparo para assumir o lugar de pais e mães. A sociedade tem a adolescente como um ser incapacitado de assumir responsabilidades e responder pelos seus atos, dessa maneira, é inviável tornar-se pai/mãe durante a adolescência em virtude de não

possuir condições emocionais, psicológicas e financeiras para criar e dar suporte a uma criança (RIBEIRO *et al.*, 2014).

A gravidez na adolescência pode ainda prejudicar os adolescentes que já estão em conflito com a própria vivência desse momento, agravando as consequências psíquicas e sociais, como o isolamento, a ansiedade e a depressão nessas circunstâncias, prejudicando ainda mais a vivência desse momento de vida dos envolvidos, tornando o difícil ainda pior e mais complicado de solucionar e conviver (COSTA, 2016).

3 METODOLOGIA

Buscando compreender a relação entre a gravidez na adolescência e o comprometimento psíquico das jovens-mães, e ainda analisar a relação da gravidez com os preconceitos existentes, bem como apresentar as dificuldades vivenciadas a partir da gravidez indesejada, esta pesquisa descritiva, procurou apresentar os pontos negativos da gravidez na adolescência e as consequências psicológicas para as futuras mães, além demonstrar de que forma a intervenção psicológica pode auxiliar durante o período gestacional e após o nascimento da criança. Tratou-se de uma investigação de caráter qualitativa, procurando responder questões particulares, onde se preocupa com níveis de realidade que não sejam quantificados, trabalhando no universo de significados, aspirações, valores, atitudes (MARCONI, LAKATOS, 2009).

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas individuais com quatro mães que tiveram seus filhos com a idade entre 16 e 20 anos, residentes em uma cidade no interior de MG³. Atualmente essas jovens contam com idades entre 24 e 26 anos. Três dessas jovens não tinham conhecimento e acesso à métodos anticoncepcionais e engravidaram em sua primeira relação sexual. Quanto ao estado civil, todas as participantes são solteiras e apenas uma delas mantém relacionamento com o pai do bebê. Das quatro adolescentes, duas concluíram o Ensino Médio até o momento da entrevista, uma abandonou o Ensino Médio e outra cursou o ensino superior, estando hoje cursando o Mestrado. Duas jovens não souberam informar a renda familiar e as

³ Ao longo desse artigo os nomes usados para identificar as jovens serão fictícios, com o intuito de preservar a identidade das mesmas. Cada uma delas assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

demais informaram renda familiar que varia entre 1 a 5 Salário Mínimo. Dessas jovens, duas ainda vivem com os pais, uma vive um relacionamento estável e outra mora sozinha.

A entrevista foi realizada no domicílio das participantes, com o uso de um questionário semiestruturado, com duração entre 40 a 50 minutos, e as falas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas na íntegra para análise.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As quatro participantes entrevistadas têm idade média de 26 anos e tiveram sua primeira gestação com idades que variaram entre 16 a 20 anos. Todas eram solteiras e moravam com os pais.

A partir do conteúdo das entrevistadas foram encontradas duas categorias de análise, que representam os conflitos vivenciados pelas participantes: conflitos sociais e profissionais e conflitos familiares e conjugais.

4.1 CONFLITOS SOCIAIS E PROFISSIONAIS

A primeira categoria, conflitos sociais e profissionais, é expressa nos trechos dos depoimentos a seguir:

Quando fiquei sabendo que estava grávida já estava com cinco meses, eu não tinha conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais e achei que não precisava. Fiquei bastante assustada, desesperada, quase enlouqueci. (Camila, 25 anos)

O primeiro momento foi de revolta. Quando fiquei grávida fiquei com muita vergonha, afastei também de muitas pessoas, mas consegui sozinha manter minha gravidez. (Natália, 24 anos)

Os relatos acima demonstram as fragilidades que as adolescentes passam ao enfrentar uma gravidez na adolescência e como a vida emocional foi abalada devido às perdas sofridas durante a gravidez como a interrupção nos estudos, abandono da família, afastamento do grupo social e até mesmo falta de expectativa de vida. Além disso, o desconhecimento dos métodos anticoncepcionais e a vivência da primeira relação sexual sem os devidos cuidados revelam não só a carência de melhor acompanhamento por parte dos próprios pais da adolescente por seu

início na vida sexual, como também a vivência de uma prática prazerosa e ao mesmo tempo arriscada sem os devidos cuidados, reforçam características comuns a esse período da vida do sujeito.

Para Almeida *et al.* (2015), a gestação não planejada é percebida como um fato negativo por gerar desprazer, insegurança, medo e angústia, já que as adolescentes na maioria das vezes são excluídas do convívio social afetando assim sua autoestima.

Para Rios *et al.* (2017), a gravidez durante o período da adolescência implica em mudanças no ciclo natural do desenvolvimento do adolescente, já que adianta a fase adulta. Ao se deparar com a gravidez os pais e principalmente as mães jovens assumem uma responsabilidade que não condizem com o período correspondente ao da adolescência, sendo necessários que eles exerçam um novo papel perante a sociedade, seus familiares e para a criança que nascerá e, muitas vezes, como não estão preparados para essa nova prática, novas sensações e conflitos surgirão.

Uma das principais consequências da gravidez indesejada, são os transtornos afetivos que aparecem como alterações no humor da adolescente, desequilibrando seu estado emocional, além de diminuir o vínculo afetivo mãe-feto. Isso faz com que a mãe apresente dificuldades para perceber o desenvolvimento do feto e todos seus estímulos sensoriais e afetivos.

Para Nascimento *et al.* (2014), a tendência dessas adolescentes é se afastarem dos amigos e dos ambientes sociais que frequentavam anterior à gravidez, favorecendo o isolamento e o adoecimento psíquico, conforme mostram relatos abaixo:

Nunca pensei que ia acontecer comigo. Quando eu engravidei não queria acreditar que isso tinha acontecido, fiquei bastante assustada. Eu estudava, então tive que abandonar minha vida. Me senti muito triste. (Camila, 25 anos)

Com a maternidade eu tive que largar meus estudos, pois meu filho não pegou mamadeira. Tenho bastante arrependimento em relação a gravidez, pois continuo morando com meus pais e ainda sem trabalhar com um filho. Muita gente julga isso, sem entender. Não consegui me formar no ensino médio, e ainda não consegui voltar a trabalhar. (Natalia, 24 anos)

Parei de estudar no 2º ano do ensino médio, pela vergonha e por estar sozinha, minha vida social era trabalhar e cuidar do neném, continuei a trabalhar no bar e depois passei a dar faxina. (Tania, 26 anos)

Dentre as consequências de uma gravidez não planejada, a mais comum entre as adolescentes é o abandono escolar, já que grande parte delas tem dificuldade de retornar à escola,

limitando a sua vida acadêmica e as possibilidades de inserção no mercado de trabalho (CATHARINO, GIFFIN, 2016). De acordo com pesquisa realizada pelo Ministério da Educação em 2016, 18% de adolescentes abandonam a escola devido à gravidez não planejada (BRASIL, 2016). Essa desvantagem também pode ser observada nesta pesquisa, já que, após a gravidez, 75% das participantes abandonaram os estudos para cuidar do filho.

Taborda *et al.* (2014) cita que o abandono escolar pode ser resultado do constrangimento, da pressão da família, dos professores e demais profissionais da escola que julgam essa situação como desonrosa. Já Alves *et al.* (2016) afirmam que a evasão escolar é consequência das dificuldades enfrentadas pelas adolescentes em prosseguir com os estudos, já que além de cuidar da criança ingressam no mercado de trabalho.

Entretanto, há casos em que a gravidez precoce não impacta na vida escolar e profissional de jovens, como é o caso de Márcia (25 anos).

O ano que eu engravidei foi o mesmo em que passei no vestibular. Então comecei o curso grávida. No primeiro semestre eu só pensava na gravidez e, ao mesmo tempo, não estava certa se era o curso certo, já que eu havia planejado a minha vida sem considerar um filho, até então. Foi quando larguei a faculdade de física, a criança nasceu, e eu escolhi outro curso para prestar no vestibular. Escolhi letras e comecei no ano seguinte, quando ela tinha 6 meses. Deixar ela na escola para poder estudar não me agradava. O pai dela também tinha acabado de passar no vestibular. Apesar de namorarmos, na época, não morávamos juntos e eu morava com meus pais em uma cidade vizinha. Portanto, ela ficava comigo a semana toda e, finais de semana, ficávamos os 3 juntos. Para compensar, eu ficava com ela o restante do tempo e usava os momentos que ela dormia para estudar e fazer os trabalhos da faculdade. Nesse sentido, eu só me ausentava de casa para ir à faculdade, o que não me permitiu uma experiência completa de universidade, já que eu não confraternizava com a turma, não podia ir a todos eventos culturais, festas, etc. Pelo menos a parte acadêmica eu consegui manter.

Como pode-se concluir aqui, o posicionamento familiar diante da gravidez interfere diretamente nas mudanças pelas quais os pais, principalmente as mães, passarão, pois essas, em sua maioria, terão que modificar suas relações e atividades sociais, como por exemplo, deixam de frequentar a escola, por receio de represálias e da não aceitação por parte do seu meio social. (RIQUE *et al.*, 2017).

Desta forma o acompanhamento sistemático durante o pré-natal das adolescentes realizado por uma equipe multidisciplinar, em especial o psicólogo, é de suma importância para que se possa trabalhar o sofrimento advindo da gravidez e das peculiaridades do período da adolescência (FREITAS *et al.*, 2016).

4.2 CONFLITOS FAMILIARES E CONJUGAIS

Os próximos relatos referem-se à segunda categoria, conflitos familiares, nos quais as jovens relatam a experiência vivenciada com as famílias de origem:

Família, a pior possível, meu pai ficou sem conversar comigo, e minha mãe foi embora e me largou sozinha. Todos os amigos se afastaram. Fiquei 03 meses completamente sozinha, me sustentando. Ai, tive que começar a trabalhar no bar a noite, onde conseguia pagar o aluguel. (Camila, 25 anos)

Minha família assustou bastante, tive muito medo de contar, minha mãe ficou nervosa por achar que meu pai não ia aceitar. Mas depois foram acostumando e meu pai e a minha família me apoiaram. Eu fiquei com muito medo de não ser aceita por eles, meus amigos ficaram felizes, a maioria tem filho também. (Tania, 26 anos)

Meus pais deram bastante apoio e também me deram a liberdade de escolher o que fazer quanto à gravidez. Os pais dele ficaram bem surpresos, mas quando viram que nós estávamos lidando bem, ficaram mais tranquilos. Nossos amigos deram bastante apoio e ficaram felizes com a notícia, principalmente depois que viram que estávamos bem. Tive uma gravidez muito gostosa e tranquila. Estava completamente imersa e encantada com a maternidade e me sentia muito disposta a ler e a aprender o máximo sobre o assunto, exercendo uma maternidade consciente. Na época, comecei um blog diário, contando sobre minha experiência. (Márcia, 26 anos).

Verifica-se nos relatos acima, duas situações distintas: as das adolescentes que tiveram o apoio familiar, e aquela que não recebeu nenhum apoio e conseqüentemente teve que deixar os estudos, trabalhar e se submeter a um relacionamento não desejado para poder criar os filhos.

A maioria dos casos em que a gravidez é indesejada, a notícia pode gerar conseqüências negativas para a adolescente, por que muitas se sentem abandonadas pelos parceiros ou repreendidas pelos pais, já que o sofrimento causado pelo abandono pode trazer conseqüências no desenvolvimento do feto, aborto, ou falta de motivação para realizar o acompanhamento de pré-natal (BAGINI, 2014).

De acordo com pesquisa realiza por Oliveira e Monteiro *et al.*, (2014), as mães adolescentes que apresentaram melhores condições de desenvolvimento foram aquelas que tinham maior apoio de suas famílias e dos parceiros. A segurança da família garante a

adolescente maiores oportunidades e capacidade de enfrentamento das adversidades e superação após situações de crise.

O medo de rejeição social e familiar, as incertezas em relação ao cuidado do bebê, o sentimento de culpa, baixa autoestima, desligamento escolar, entre outros fatores, pode propiciar depressão pós-parto e a rejeição do bebê pela mãe, transferindo para ele a responsabilidade por todas as mudanças ocorridas em decorrência da gravidez e do nascimento da criança, transferindo a “culpa” para a criança e assim, deixando de criar vínculos maternos e afetivos, prejudicando o desenvolvimento desse bebê (RIOS *et al.*, 2017).

A falta de apoio da família afeta o desenvolvimento psico-afetivo-social do adolescente causando a interrupção do processo normal do desenvolvimento, já que na maioria dos casos a gestante se torna vítima frequente de críticas e pressões sociais. Como consequências da gravidez precoce são identificadas alterações no desenvolvimento emocional, social e educacional, podendo causar complicações no parto bem como prejuízos a saúde o recém-nascido, como baixo peso ao nascer e dificuldade no desenvolvimento psicomotor. (CECCIM; MORAES, 2018).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa foram relatadas as dificuldades enfrentadas pelas jovens que engravidaram na adolescência e os conflitos sociais e familiares enfrentados por elas durante a gestação.

A maturidade precoce, o isolamento social, a aceitação familiar e todas as mudanças de papéis como resultantes da gravidez precoce, aliados as mudanças psíquicas e biológicas ao longo da adolescência, favorecem o adoecimento psíquico que podem gerar sérias consequências para os pais e para o bebê. Além dos fatores externos, como abandono da família e preconceito da sociedade, as mudanças no corpo em decorrência da gravidez, os medos, angústias e as incertezas em relação ao futuro são aspectos que podem fazer com que o surjam transtornos psíquicos como a ansiedade e a depressão, por exemplo.

Dessa forma o apoio familiar possibilita à adolescente ultrapassar todos os problemas relacionados com a maternidade, como a insegurança, o medo, a ansiedade, o estresse, por que

além de dependerem do amparo e apoio dos pais, financeiramente e emocionalmente, o apoio da mãe pode fazer toda a diferença por que além de ajudar na saúde mental e física da adolescente elas terão alguém com quem compartilhar as dúvidas e sentimentos que são comuns a toda gestante nesse período e depois dele, o que é tão importante quanto o auxílio financeiro e acompanhamento médico-psicológico.

O psicológico que acompanha a adolescente durante a gravidez, e depois dela, ao propor ações psico-educativas para prepara-la para o parto, o puerpério e os cuidados com o filho poderá garantir a ressignificação da gravidez para a mãe e seu parceiro, como também uma nova constituição subjetiva, fazendo com que a adolescente aprenda a assumir seu lugar de mãe.

As principais limitações percebidas durante a elaboração do trabalho foram a carência de estudos científicos que apontam os transtornos psíquicos, diferentes da depressão, que estão relacionados à gravidez na adolescência. Os estudos sobre a gravidez na adolescência são sempre recorrentes e apresentam temáticas análogas. Como sugestão para próximos estudos seria importante uma abordagem que além de analisar os impactos emocionais de uma gravidez precoce, aponte os avanços das políticas públicas não apenas na prevenção como também no acompanhamento das mães-jovens em seu processo de reinserção escolar e social após a gravidez.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Mirian (coord). **Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?** / Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro, Júlio Jacobo Waiselfisz. Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015.

ALMEIDA, Arly Nascimento Ferreira Silva *et al.* **Ações Educativas para prevenção de gravidez indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) entre universitários.** Entre Aberta Revista de Extensão, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em< <http://revistas.cesmac.edu.br/index.php/entreaberta/article/view/299>> Acesso em out. 2018.

ALVES, Nielsen Alves; DO NASCIMENTO, Hiata Anderson Silva. **Evasão Escolar no Meio Rural: estudo de caso na Escola Família Agrícola de Chapadinha.** Revista Eixo, v. 6, n. 3, p. 32-39, 2017. Disponível em< <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/download/356/297>> Acesso em: 20 out. 2018

BARROS, Leticia Rodrigues; SANTOS, Glauce Barros. **Gravidez na Adolescência: Implicação Social**. Revista da FAESF, v. 1, n. 1, 2017. Disponível em < <http://faesfpi.com.br/revista/index.php/faesf/article/view/8>> Acesso em out. 2018

CECCIM, Ricardo Burg; MORAES, Maurício. **Vozes de adolescentes grávidas: contribuição à educação médica, segundo o extrato narrativo de uma coorte de puérperas**. Saúde em Redes, v. 3, n. 4, p. 367-388, 2018. Disponível em < <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/835>> Acesso em out. 2018

BARBOSA, Michelle; CAMARGO, Brenda; MENDONÇA, Marcela; CARVALHO, Marcel Fonseca. **Gravidez precoce na adolescência e suas consequências**. Trabalho apresentado a FANORPI/UNIESP para obtenção de títulos. 2015. Disponível em < http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170712143129.pdf> Acesso em: 21 set. 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. Brasiliense, 2017.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar 2016**. Disponível em Acesso em: 20 out. 2018

DUMAS, Jean E. **Psicopatologia da Infância e da Adolescência-3**. Artmed Editora, 2018.

CATHARINO, Tânia Ribeiro; GIFFIN, Karen. **Gravidez e Adolescência—investigação de um problema moderno**. Anais, p. 1-20, 2016. Disponível em < <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1223/1187>> Acesso em: 20 out. 2018

CECCIM, Ricardo Burg; MORAES, Maurício. **Vozes de adolescentes grávidas: contribuição à educação médica, segundo o extrato narrativo de uma coorte de puérperas**. Saúde em Redes, v. 3, n. 4, p. 367-388, 2018. Disponível em < <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/835>> Acesso em: 20 out. 2018

COSTA, Arlete de Fátima Pereira da. **Adolescência: vivências e conflitos que precisam ser conhecidos para serem superados**. Trabalho de Conclusão do Curso de Pós- Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná. Itambé, 2016. Disponível em < <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/51846/R%20-%20E%20-%20ARLETE%20DE%20FATIMA%20PEREIRA%20DA%20COSTA.pdf?sequence=1&isAllo wed=y>> Acesso em: 21 set. 2018.

CUNHA, Emanuella Muriél; SANTOS, Silvana M.. **Gravidez na adolescência: um fenômeno social**. Universidade Federal do Paraná – UFPR. 2016. Disponível em < <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Emanuella-Muri%C3%A9l-Cunha.pdf>> Acesso em: 21 set. 2018.

FERREIRA, Manuela; NELAS, Paula Batista. **Adolescências... adolescentes... Revista Educação, Ciência e Tecnologia**. Vol. 4. Num. 1. Pg. 141 a 162. 2016. Disponível em <<http://www.ipv.pt/millennium/Millennium32/11.pdf>> Acesso em: 22 abril 2018.

FREITAS, Amanda Pantoja *et al.* **Intervenção com adolescentes por meio de grupos focais: Uma estratégia de democratização escolar**. Revista Conexão UEPG, v. 12, n. 3, p. 546-557, 2016. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/5141/514154369016.pdf>> Acesso em: 22 abril 2019.

FRIZZO, Giana Bitencourt; KAHL, Maria Luiza Furtado; DE OLIVEIRA, Ebenézer Aguiar Fernandes. **Aspectos psicológicos da gravidez na adolescência**. Psico, v. 36, n. 1, p. 11, 2005. Disponível <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5161556>> Acesso em: 22 abril 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010. Disponível em <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf> Acesso em: 22 abril 2018.

GUEDES, Juliana Sousa. **Percepção das adolescentes frente ao desafio de ser mãe**. Trabalho de Conclusão de Curso em Enfermagem 2, usado como requisito parcial para obtenção do título de enfermeiro pela Universidade de Brasília - Faculdade de Ceilândia. 2015. Disponível em <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/10902/1/2015_JulianaSousaGuedes.pdf> Acesso em: 24 set. 2018.

LINO FILHO, Adriano Martins *et al.* **Análise dos fatores de risco para gravidez na adolescência: Revisão de Literatura**. Revista Educação em Saúde, v. 4, 2016. Disponível em Acesso em: 20 out. 2018.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MONTEIRO, Nancy Ramacciotti de Oliveira; FREITAS, Juliana Vasconcellos de; FARIAS, Maria Aznar. **Transcorrer da gravidez na adolescência: Estudo Longitudinal quando os filhos são adolescentes**. Psicologia em Estudo, v. 19, n. 4, p. 669-679, 2014. Disponível em <<http://www.redalyc.org/service/redalyc/downloadPdf/2871/287135323010/6>> Acesso em: 20 out. 2018.

NASCIMENTO, Alana Sousa; ANDRADE, Andréa Batista de. **A atuação da psicologia na atenção básica frente à gravidez na adolescência**. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health, v. 5, n. 12, p. 118-142, 2013. Disponível em <<http://stat.ijie.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/1701>> Acesso em: 20 out. 2018.

PAIXÃO, Gilvânia Patrícia Nascimento *et al.* **Violência escolar: percepções de adolescentes**. Revista Cuidarte, v. 5, n. 2, p. 717-22, 2014. Disponível em <<http://www.revistacuidarte.org/index.php/cuidarte/article/view/83>> Acesso em: 25 set. 2018.

RIBEIRO, Fernanda Nunes; SANTANA, Alanny Nunes; SANTOS, Lorena Cabral de Lima; SILVA, Rhyrilly Pâmella Ribeiro da. **Gravidez na adolescência: fatores precursores e riscos associados**. Congresso Nacional de educação. 2014. Disponível em <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/Modalidade_1datahora_14_08_2014_13_09_17_idinscrito_4817_f806aa580be0b7cecc7f8f6cc909174b.pdf> Acesso em: 25 set. 2018.

RINQUE, Letícia Caroline Lemos *et al.* Discutindo saúde sexual e gravidez na adolescência. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, v. 8, n. 2, p. 53-69, 2017. Disponível em <<http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/524>> Acesso em: 20 out. 2018.

RIOS, Karyne de Souza Augusto; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti Albuquerque; AIELLO, Ana Lúcia Rossito. **Gravidez na adolescência e impactos no desenvolvimento infantil**. Revista Adolescência e Saúde. Vol. 4, Num. 1. Pg. 6 a 11. 2017. Disponível em <http://scholar.google.com.br/scholar_url?url=http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp%3Fid%3D114%26idioma%3DPortugues&hl=ptBR&sa=X&scisig=AAGBfm3is2X2Kn7f6MZl7tkgUaPDPKsemw&nossl=1&oi=scholar> Acesso em: 10 nov. 2018.

SANTOS, Carolina Carbonell dos *et al.* **A vivência da gravidez na adolescência no âmbito familiar e social**. Revista de Enfermagem da UFSM, v. 4, n. 1, p. 105-112, 2014. Disponível em <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reufsm/article/view/9860>> Acesso em: 20 out. 2018.

SILVA, Carla Patrícia da; FERREIRA, Fabiana Vieira Gadelha; SILVA, Andrea Rosane Sousa. **Os desafios da gravidez na adolescência e a promoção da saúde**. 2015, 27f. Artigo apresentada para obtenção do título de Bacharel de Enfermagem da Faculdade Integrada de Pernambuco – FACIPE. Recife 2015. Disponível em <<http://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/handle/set/2049>> Acesso em: 15 nov. 2018.

TABORDA, Joseane Adriana *et al.* **Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas**. Cad Saúde Colet (Rio J.), v. 22, n. 1, p. 16-24, 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-462X2014000100016&script=sci_abstract> Acesso em 15 nov. 2018.